

## **TOLERÂNCIA: UMA BREVE E PRIMEIRA APRESENTAÇÃO**

*Leandro José de Souza Martins*

Se um dia alguém lhe perguntasse: “como você define o mundo no qual vivemos?”, você (e qualquer um, na verdade), teria, sem dúvida, um pouco de dificuldade. A razão é porque não estamos acostumados a esse tipo de pergunta, sobretudo quando ela envolve algo tão grande quanto o mundo. Embora você tenha a possibilidade de falar qualquer bobagem, ao entender o sentido da pergunta, você procurará uma resposta adequada. E, dentre tantas definições, uma delas pode ser: “nosso mundo é um espaço de grande pluralidade!”.

O que significa isso? Significa que nossas vidas, sociedades, ações e pensamentos se expressam por meio de uma grande variedade de valores, símbolos e sentidos. Que não somos iguais, que temos nossos valores e princípios, grupos e ideais que não correspondem aos de outras pessoas. Que nosso mundo é lugar da diferença.

Basta uma rápida olhadela ao nosso redor e veremos o quanto a diferença é relevante. Na natureza, nas relações pessoais, nos gostos e desgostos que possuímos. Em nossa casa, apesar de convivermos tão proximamente, de recebermos a mesma educação e de participarmos das mesmas ações e decisões, não somos absolutamente iguais. A pluralidade de sentimentos, ocasiões e ideologias marca nossas vidas desde o primeiro momento.

Mas, ao mesmo tempo que a diferença é algo que significa nosso mundo, a ela também nos desperta para uma série de circunstâncias que nos levam a pensar mais profundamente. Especificamente, a diferença exige de nós posturas muito concretas e pontuais. E elas não são tão fáceis ou imediatas... com efeito, nem sempre estamos dispostos a dar vez e voz para quem pensa, age e vive diferente de nós.

Exemplos disso ocorrem diariamente nas redes sociais. Quanto esses ambientes vêm se tornando, a cada dia, espaço para discursos de ódio, de preconceitos, de violências. Não há espaço para pluralidade: há, infelizmente, uma (anti)cultura de cancelamentos... Também a questão política tornou-se motivo de inimizades entre as pessoas, por não votarem em um mesmo partido/candidato (a). Em suma, por mais que valorizemos a pluralidade e a diferença, essas são, inúmeras

vezes entendidas como algo/alguém errado ou como algo/alguém que não deve fazer parte das nossas vidas.

Sem espaço para a diversidade, dificilmente haverá progresso e melhorias em nosso mundo... Sem pluralidade e abertura à diferença, é impossível o exercício da liberdade. A pluralidade nos ensina que não somos “donos da verdade” e que diversas concepções de vida e de mundo não são rivais, mas, complementares.

O que podemos fazer, então, para garantir que nosso mundo seja “um espaço de grande pluralidade”? Atualmente, um valor, que é, também, uma atitude, vem sendo redescoberto: a tolerância. Com efeito, a pluralidade que marca nosso mundo exige a tolerância como valor e como um princípio – para muitos, até mesmo como um procedimento. Os pilares de uma sociedade plural devem ser fortalecidos em virtudes fundamentais nas quais se destaca a tolerância, ao lado da solidariedade e da responsabilidade.

Podemos afirmar que nenhum espaço plural ou valorização da diferença se realiza senão dentro de uma cultura que valoriza e reflete a tolerância e age tolerantemente. Nunca foi tão necessário sublinhar o quanto a tolerância é fundamental para nossa realidade contemporânea, tanto como prática social quanto uma atitude pessoal. Diante da pluralidade, temos que nos abrir para a virtude e prática da tolerância!

A essa altura, você deve estar pensando: “OK! Entendo que o mundo é um lugar de pluralismo e diferenças. Que, para defendê-los e preservá-los, são necessárias a virtude e a prática da tolerância... mas, de modo concreto, o que significa isso? O que é a tolerância?” Podemos antecipar que a tolerância é, antes de tudo, um valor central da sociedade atual. Especificamente para nós, que vivemos em uma democracia, a tolerância é a tarefa dos cidadãos democráticos. Mais: a tolerância é fundamento de toda sociedade que se entende democrática.

A tolerância é um caminho – moral, político, religioso ou jurídico – que efetiva, com maior segurança, a coexistência de grupos opostos do ponto de vista de ideais e concepções. É o meio justo que cria condições para que grupos e pessoas, ao praticarem sua própria convicção, reconheçam o direito que os outros têm de fazer o mesmo com base em outras convicções e crenças. E Michael Walzer escreveu que a

“coexistência pacífica de grupos de pessoas com histórias, culturas e identidades diferentes” é o próprio conceito de tolerância.

Há muito mais para falar sobre a tolerância. É fundamental defini-la bem, a fim de não a confundir com outros valores e outras posturas. Também é importante conhecer o quanto a tolerância tem a ver com a liberdade, com a igualdade, com a democracia. Por fim, temos que reconhecer os limites da tolerância... É verdade que a tolerância requer a convivência com pessoas e práticas desaprovadas ou não queridas por outras pessoas. Mas isso não significa que toda e qualquer prática venha a ser aceita. Os limites de tolerância precisam ser especificados.

Veremos tudo isso em outras oportunidades. Por ora, cabe-nos refletir sobre alguns aspectos importantes: a) que quando agimos intolerantemente, colocamo-nos como donos da verdade e impedimos o crescimento de outras pessoas e grupos só porque pensam diferentemente de nós; b) que a tolerância não é meramente uma aceitação, mas um processo contínuo, que garante a outros (pessoas ou grupos) as mesmas oportunidades de se expressarem e o devido respeito, assim como queremos para nós e nossos grupos; c) que a tolerância é uma atitude colaborativa com o outro em busca da verdade, em espaço de diálogo, liberdade e compreensão.

Leandro José de Souza Martins ([leandro.martins@ifmg.edu.br](mailto:leandro.martins@ifmg.edu.br)) é Mestre em Filosofia pela UFOP; Doutorando em Teoria do Direito pela PUC-Minas e professor do IFMG.

Para saber mais:

WALZER, Michael. **Da tolerância**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.